

Dispositivo Binário de Gênero e o discurso sobre as pessoas trans nas tiras de Muriel Total: a contradição e a resistência

**Gender Binarism and the discourse on trans people in Muriel Total strips:
contradiction and resistance**

Silvana de Araújo Vaillões*

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
e-mail: silvailloes@gmail.com

Alexandre Sebastião Ferrari Soares*

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
e-mail: asferraris@globo.com

Resumo: Este texto é resultado de parte de nossa tese, cujo tema versou sobre o sujeito trans e os sentidos que são mobilizados em relação a ele, com base na análise das tiras de Muriel Total, série da cartunista trans, Laerte Coutinho. Consideramos, para a análise neste artigo, seis tiras da série, que iniciou sendo veiculada no Caderno de Informática da Folha de São Paulo, mas terminou sendo apresentada em seu próprio blog, Muriel total, que hoje não está mais disponível na internet. As tiras de Muriel mobilizam sentidos que falam desse sujeito, o trans, com variadas perspectivas, de forma que, para este artigo, consideramos tiras que versassem sobre a constituição do sujeito trans como aquele que se adequa ao Dispositivo Binário de Gênero, ao fazer a transição, mas, em contrapartida, resiste ao mesmo discurso de tal Dispositivo, quando se recusa a fazer modificações de ordem corporal para efetivar sua performance de gênero. Nesse sentido, percebemos, aí, uma contradição em relação a esse sujeito, o que seria, todavia, parte de sua constituição como sujeito trans. Para tal, baseamo-nos em Foucault, Lanz, Bento, Pêcheux, Orlandi, entre outros, visto que o discurso a respeito do sujeito trans está sendo analisado sob a visão do discurso de orientação francesa, doravante AD.

Palavras-chave: Sujeito trans. Tiras. Dispositivo Binário de Gênero. Análise de Discurso francesa. Contradição.

Abstract: This text is the result of part of our thesis, whose theme was about the trans subject and the meanings that are mobilized concerning it, based on the analysis of the Muriel Total strips, a series by the trans cartoonist Laerte Coutinho. For the analysis in this article, we considered six strips from the series, which started being published in the *Caderno de Informática* section of the newspaper Folha de São Paulo and were later presented in her blog, Muriel Total, which today is no longer available on the Internet. The strips concern the meanings of the trans subject from various perspectives; thus, for this article, we considered strips that dealt with the constitution of the trans subject as the one who adapts to Gender Binarism during the transition. On the other hand, this subject resists the same discourse of such binarism when refusing to make bodily changes to effectuate their gender performance. Therefore, we perceive a contradiction to this subject, which would be part of the constitution as a trans subject. For such a purpose, we based ourselves on Foucault, Lanz, Bento, Pêcheux, Orlandi, and others since the discourse about the trans subject is being analyzed under the vision of French-oriented discourse, henceforth DA.

Key words: Trans subject. Strips. Gender Binarism. French Discourse Analysis. Contradiction.

INTRODUÇÃO

Começamos este texto, citando Foucault (1983): “A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas” (Foucault, 1983, p. 48). Assim, o autor mostra como a sexualidade, ao longo do século XIX, situa-se inscrita em dois registros diversos, a saber, a biologia da reprodução, baseada na ciência geral, e a medicina do sexo obediente “a regras de origens inteiramente diversas” (Foucault, 1983, p. 54-55). Por meio de um discurso baseado na prevenção a doenças, no controle da biologia, as sexualidades, para além da heterossexual, foram condenadas como problemáticas, consideradas erradas, criminosas e antinaturais. Uma dessas vivências é a transgeneridade, aqui, considerada como um termo guarda-chuva para todas as possibilidades de experiência sexual, que transcendem a heteronormativa (Lanz, 2015).

O sujeito trans, aqui, transgênero, transexual, travesti, enfim, histórica e socialmente, enfrenta preconceitos para efetivar sua vivência. Dessa forma, o desejo sexual não está vinculado, automaticamente, à identidade de gênero, tampouco ao sexo genital. Essa congruência (sexo-identidade de gênero-heterossexualidade) é pregada como verdade, natural, instintiva, entretanto, isso não se efetiva de forma completa,

fechada para todas as pessoas, o que só prova, mais e mais, que tal “instinto” não é absoluto, que tal “verdade” pode ser questionada. Para os adeptos da vivência heternormativa, cisgênera, heterossexual, qualquer vivência para além disso é vista como problema, doente, pecado, crime. Isso porque a pessoa trans resiste, burla e transgride uma importante regra: o “Dispositivo Binário de Gênero”.

Dessa maneira, Bento (2008) ressalta que, para ser uma mulher, de acordo com a discursivização do Dispositivo Binário de Gênero, é necessário ter uma vagina, gostar de homens (sexo oposto), bem como comportar-se como uma mulher: ser frágil, delicada, passiva, doce, meiga, submissa, mãe, prestativa, amorosa etc. Esses sentidos são resgatados, considerando essa Formação Discursiva, todas as vezes que pensamos na figura de uma mulher. Da mesma forma, há uma ideia pré-concebida de como deve ser o homem, para essa FD: ter um pênis, ser forte, viril, sexualizado, líder, não chorar, não cuidar dos outros, gostar de mulheres (sexo oposto). As pessoas trans, nesse caso, estariam incongruentes a esse dispositivo, pois, ao não se identificarem com o gênero que lhes foi imputado ao nascer, baseado em seu genital, estariam resistindo a uma “norma”, a uma “verdade” universal, sagrada, natural, instintiva.

Nesse sentido, o Dispositivo Binário de Gênero representa todo esse aparato discursivo, mas também social e cultural, histórico e material, que efetiva a congruência entre corpo e gênero, ou seja, a determinação de que um corpo com vagina precisa ter o comportamento tal; e que o corpo com pênis deve ter o comportamento tal. Essa determinação é imputada, atualmente, antes do nascimento do sujeito, de maneira que há todo esse aparato discursivo, ou seja, esse dispositivo discursivo, funcionando para que os corpos estejam regrados aos comportamentos, de acordo com o gênero que lhes foi imposto. Vejamos, a seguir, como isso pode ser percebido nas tiras de Muriel Total.

OBSERVANDO O DISPOSITIVO BINÁRIO DE GÊNERO NAS TIRAS DE MURIEL TOTAL

Observemos a Sequência Discursiva Imagética a seguir, para perceber o funcionamento dos sentidos em relação ao Dispositivo Binário de Gênero. Aqui, fazemos uma pausa para abordar os motivos de nomear tal SD como Discursiva Imagética. “Uma sequência discursiva são essas reformulações tomadas na rede dos enunciados e na rede de lugares enunciativos que instauram o sujeito no fio do discurso” (Courtine; Marandin, 2016, p. 51). Ademais, baseamo-nos em Lagazzi (2020, p. 139), que afirma “a importância de o analista considerar o conjunto das diferenças materiais, mobilizando as especificidades de cada materialidade significante no jogo entre descrição e interpretação”. Essa autora ressalta que, ao nos depararmos com um objeto simbólico, materialmente heterogêneo, devemos investir nosso gesto de descrição, como analistas, na composição das linguagens que o constituem (caso das tiras usadas neste artigo). Deve-se buscar, no jogo de remissão entre os elementos das distintas materialidades, “a possibilidade de compreender o funcionamento discursivo” (Lagazzi, 2020, p. 139). E mais: “O funcionamento da imbricação material se dá na incompletude simbólica constitutiva das linguagens em composição, em suas diferentes estruturas materiais” (Lagazzi, 2020, p. 140). Dessa forma, é nesse jogo entre visual e verbal que o analista deve se ater, tendo em vista que essa imbricação é que possibilita a materialização do discurso em questão. No caso das tiras usadas neste texto, há que se observar o material simbólico representado por linguagem não-verbal, bem como a linguagem verbal e tudo que envolve a representação gráfica em questão (cores, formas, desenhos, expressões de cada personagem, ambientação do espaço em que acontece a tira, seus requadros, o uso de balões de fala ou não, legendas, títulos, onomatopeias, entre outros recursos), afinal, todos esses elementos produzem efeito de sentidos e possibilitam os gestos de leitura efetivados.

Figura 1 - Sequência Discursiva Imagética 1



Na referida Sequência Discursiva Imagética 1, Muriel, após ter sido assassinada por transfóbicos, vai para o céu (Nosso Lar, como na doutrina espírita kardecista); o outro personagem, que conversa com ela, veste branco, o que remete ao imaginário de que, no céu, as vestimentas são de cores claras, confortáveis e largas. Essa representação está calcada no imaginário social, veiculado por filmes e outras obras que mostram os personagens mortos, em outro plano, no céu, enfim, vestidos com roupas de cores claras e largas. Na conversa, Muriel é chamada a reencarnar, pois diz que **“é horrível ficar aqui sem poder fazer nada!”**, em relação à perseguição e ódio contra aqueles que são considerados “diferentes”. Isso pode ser percebido no segundo quadrinho, em que são desenhadas essas pessoas “diferentes”, com formas diversas, tamanhos de corpos diferenciados, cabelos e roupas que são considerados fora do padrão para a FD Binarista de Gênero. Ela diz que quer reencarnar; faz uma expressão de alegria, com os braços levantados para o ar, em sinal de empolgação por conta da nova possibilidade. Mas, em seguida, o espírito que a acompanha ergue duas roupinhas, uma rosa e outra azul, e pergunta: **“Menino ou menina?”** ao que ela responde: **“Só tem isso?”** A insatisfação de Muriel é percebida pela falta de possibilidades que o Dispositivo Binário de Gênero apresenta. Sua expressão facial e corporal remete a um desinteresse, de quem não se anima diante de tão poucas opções. As cores rosa e azul representam os gêneros feminino

e masculino, respectivamente, em que temos que “caber”, nos adequar, de acordo com essa FD Binarista de gênero. Só ha duas possibilidades. Essa desidentificação de Muriel em relação a esses sentidos é uma das regularidades percebidas em nosso *corpus*. Ademais, tal norma invisibiliza as outras vivências, diante de apenas duas: menino ou menina; mulher ou homem. Entretanto, não é apenas isso que existe; mesmo com todo o funcionamento desse discurso, que nos aponta tais práticas como únicas, possíveis, normais, corretas, há furos, falhas no funcionamento discursivo da ideologia, o que permite a existência de vivências outras, para além dessas duas. “[...] nos processos discursivos há sempre “furos”, falhas, incompletudes, a pagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência. Os discursos - onde se articulam sistemas significantes e ideologia - não são máquinas discursivas perfeitas” (Orlandi, 2017, p. 213-214). Dessa forma, o sujeito trans se faz “possível”, pois não se vincula à FD do dispositivo binário de gênero, não se vincula à Memória Discursiva resgatada para esse sujeito trans, mas sim efetiva-se na resistência a tais normas, ao mesmo tempo em que também tenta se enquadrar no processo discursivo dessa norma. É um processo que imbrica tentativa de enquadramento/resistência.

A grande “barreira” para tais sujeitos, os trans, seria, então, o corpo. Se nasci com uma vagina, mas não me identifico com o comportamento vinculado a esse sexo, posso “produzir” um corpo que esteja adequado/enquadrado.

Consideremos a Sequência Discursiva Imagética 2 para perceber o funcionamento dos sentidos em relação às modificações corporais ou hormonizações efetivadas por muitas pessoas trans:

Figura 2 - Sequência Discursiva Imagética 2



Para que o corpo deixe de ser um “problema”, as pessoas trans podem recorrer a diversos processos e modificá-lo: hormonização para diminuir pelos, aumentar pelos, retirar seios ou colocar próteses de silicone, formular curvas, fazer academia para ganhar músculos, perucas, deixar o cabelo crescer, cortar o cabelo, fazer cirurgia para retirar o “pomo de adão” ou modificar nariz, mandíbula, enfim, uma infinidade de procedimentos que permitem o “enquadramento” ao gênero que se quer performar. Muriel, na SDI2, vivencia um processo de hormonização, que lhe produz várias consequências. Essas consequências são representadas por uma montanha-russa, de maneira que há altos e baixos, assim como na brincadeira dos parques de diversão. O processo de hormonização que Muriel vivencia produz altos e baixos, representados pela subida e descida da montanha-russa. Esse recurso também é utilizado em músicas e outras produções artísticas, a fim de vincular o sentido de viver muitas mudanças com um passeio em uma montanha-russa. Inclusive, quando feito sem acompanhamento médico, pode até gerar doenças e diversas complicações. Dessa forma:

Como sabemos nem os sujeitos, nem os corpos, pensando se a significação, são evidentes. Ainda é sempre a opacidade, a não transparência da linguagem, que se apresenta quando pensamos discursivamente. Ou, dito de outra forma, o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem

sua forma e funciona ideologicamente. O que redundaria em dizer que, assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado (Orlandi, 2017, p. 92).

Diante disso, afirma-se que o corpo “fala”, discursiviza, para além das práticas e performances de seu gênero. É no corpo que estão instaurados os procedimentos de construção dessa “verdade” do gênero, baseada no Dispositivo Binário de Gênero. Bento (2008) ressalta:

A mulher transexual demandaria uma vagina para receber o pênis e o homem transexual só teria sua masculinidade garantida com a produção de um pênis. Se a mulher é passiva, emotiva, frágil, dependente, e se o homem é ativo, racional, competitivo, logo se esperará que as mulheres e os homens transexuais implementem este padrão. Estas convenções orientam os médicos e os profissionais da saúde mental quando se aproximam das pessoas transexuais (Bento, 2008, p. 21).

Constrói-se, dessa forma, o corpo para estar adequado a essa norma; performa-se o gênero também dentro dessa FD, a fim de se estar “enquadrado”, ser aceito, considerado, amado, respeitado, visto. Lanz (2015, p. 41) afirma que o gênero, além de ser uma performance, é uma instituição jurídica que dá suporte “a todo o arcabouço sociopolítico e cultural da sociedade. E juridicamente, como sabemos, só existem duas categorias de gênero – homem e mulher, ou masculino e feminino.” Assim, quando uma pessoa nasce, por meio da inscrição jurídica, que é a Certidão de Nascimento, enquadra-se o sujeito em uma das duas possibilidades: macho/fêmea. Diante disso, a pessoa trans nem mesmo teria “validade” jurídica, por estar no entremeio dessas duas possibilidades ou para além delas.

Para validar esse sujeito, é preciso recorrer à medicina, com cirurgias, hormonização, ou seja, intervenções de um “profissional habilitado”, que, somente assim, irão autenticar esse sujeito como “verdadeiro”. Da mesma forma, habilita-se todo o aparato de performance de gênero para se enquadrar no que é ser uma/um “mulher/homem de verdade”, já que o corpo com o qual se nasceu não valida isso.

Recorre-se ao aparato científico para estar adequado. Também, há o aparato jurídico, que valida essa performance de gênero, aceitando a modificação do nome e do gênero nos documentos pessoais.

Atualmente, para recorrer a esse processo, há suportes do Sistema Único de Saúde (no Brasil) e em vários países. Isso já é uma prática: para validar o corpo trans, é preciso produzir interferências nele, a fim de que se adeque ao Dispositivo Binário de Gênero. Apesar de haver já uma facilidade jurídica em relação à mudança de nome, ainda é necessário passar por uma medicinalização do corpo, seja nas ciências PSI ou na medicina tradicional, para “validar” seu gênero. Essa FD baseia a performance de gênero no corpo do sujeito, que precisa, nesse caso, ser modificado, mas, acima de tudo, adequado ao gênero. É daí que vêm as afirmações variadas, elencadas por pessoas trans, quando afirmam que “nasceram no corpo errado” (Bento, 2008/2017/Lanz, 2015).

Consideremos as seguintes Sequências Discursivas Imagéticas, 3 e 4, para observar os efeitos de sentido sobre “ser mulher”:

Figura 3 - Sequência Discursiva Imagética 3



Figura 4 - Sequência Discursiva Imagética 4



As SDI3 mostra um homem, que vai à procura de ajuda psicológica porque tem desejo de se transformar em uma mulher. Ele busca Beth, ex-namorada de Hugo, agora Muriel, pois ela é psicanalista e pode ajudar a resolver o seu “problema”. No consultório, ele mostra uma revista, em cuja capa há uma mulher maravilhosa, cheia de curvas, vestindo lingerie. Seria a Gisele (em alusão à übermodel Gisele Bündchen). A psicanalista pergunta qual seria o impedimento para ele se tornar uma mulher; a tira apresenta, como personagem, um homem muito grande, alto, corpulento, com feições agressivas, que, em nada, lembrariam as características consideradas para uma mulher: delicadeza, leveza, meiguice, curvas. Ele questiona, mostrando a revista: **“Eu pareço mulher? Pareço com...com...isto?”** – o quadrinho seguinte mostra a capa com a maravilhosa Gisele. Em seguida, aparece a Dra. Beth, frente à capa da revista, que em nada se compara, também, à maravilhosa Gisele. Os efeitos de sentido produzidos por essa SDI chamam a atenção para o fato de que, para essa FD, “ser mulher” não compreende apenas o ser em si, mas ser um tipo específico de mulher, no caso, magra, alta, loira, com curvas, feminina, produzida, linda, malhada, seios fartos, bumbum grande. Ou seja, não apenas o sujeito trans quer ser uma mulher, mas quer, muito mais, ser uma mulher “de verdade”.

Se a diferença não está fundamentalmente na forma como se vive individualmente o gênero, pois no campo da subjetividade vamos

encontrar uma gama de respostas que são articuladas como desdobramentos de vivências pessoais, tampouco se podem ancorar nas performances de gênero esta resposta, pois ambas as experiências identitárias negociam e transitam na ordem de gênero, sendo incorreto afirmar que uma está mais próxima da “mulher de verdade”, pois a própria “mulher de verdade” carece de originalidade (Bento, 2006, p. 76-77).

Entretanto, como a própria SDI3 apresenta, ser uma mulher, nesses moldes, não é muito fácil nem para quem nasceu com o sexo genital vagina. A construção do corpo dentro de um parâmetro, que considera uma FD específica, é uma imposição de prática para todas as mulheres, além das mulheres trans. Estar enquadrado no modelo de Gisele é um desafio para todas as mulheres. Esse é o trabalho que o Dispositivo Binário de Gênero, juntamente com outros discursos extremistas, faz ao impor que, para ser mulher, é preciso, por exemplo, ser mãe/bonita/magra/doce/meiga/passiva/loira/seios fartos/bumbum grande/corpo malhado de academia. É por isso que muitas mulheres vivem transtornos de alimentação, paranoias com seus corpos, tentando se enquadrar em um tipo específico de “ser mulher” que não é possível para todas, pois demanda um aparato de profissionais (cirurgias, dietas, malhação) que nem todos podem ter. Ao fazer modificações em seus corpos, o sujeito trans, nesse caso, transgride a norma de gênero, mas, paradoxalmente, tenta se enquadrar nela (em seus extremos).

A SDI4 mostra o personagem referido, enfurecido, indo até a casa de Gisele, pois quer ser igual a ela. Entretanto, ao chamá-la, ela abre a porta e, ironicamente, não se parece em nada com o que está na revista. Poderíamos afirmar, assim, baseado nos efeitos de sentido produzidos, que nem Gisele é Gisele. Não o tempo todo. Isso porque, para ser aquela Gisele, ela precisa de maquiagem, produção de cabelo, a roupa certa, a luz certa, poses sensuais e isso não é possível 24 horas por dia, todos os dias. Aquela Gisele nada mais é do que uma “imagem” do que uma mulher pode ser, com todo esse aparato que produz esse corpo, dessa mulher específica. A Gisele mãe, esposa, filha, irmã, amiga não conseguiria ser a *übermodel* da capa, 24 horas por dia. Assim, os efeitos de sentido produzidos nos chamam a atenção para o fato de que a norma, o modelo de gênero para homem ou mulher não pode ser performado em sua totalidade, o tempo todo, pois seria

impossível. Mesmo ao transformar seus corpos, os sujeitos trans não conseguirão adequar suas expectativas de gênero em 100% dentro daquela performance, 24 horas por dia, pois isso é humanamente impossível.

Lanz (2015, p.126) ressalta:

É sabido que, em nome de obter e manter a conformidade com os estereótipos de gênero, a pessoa transgênera empreende uma jornada frenética em busca de mudanças corporais através de terapia de reposição hormonal, cirurgias plásticas estéticas e cirurgia de reaparelhamento genital. Sendo o corpo um espaço totalmente pessoal e intransferível, essas mudanças são plenamente legítimas, embora o caráter corretivo em que são realizadas denuncie o sentimento geral de inadequação – e, portanto, neurótico – da pessoa em relação aos estereótipos do gênero com o qual ela se identifica.

Para essa autora, ao tentar se enquadrar dentro do “modelo” considerado por essa FD, a pessoa trans não estaria, em nada, transgredindo a norma; trata-se, como já apresentamos, de um paradoxo, pois, ao efetivar mudanças corporais, a pessoa trans não está aceitando a imposição que lhe foi feita. Todavia, ao alterar seu corpo, buscando como modelo “a mulher/homem de verdade”, em nada estaria alterando a ordem social vigente, o que faria do sujeito trans apenas mais um reprodutor dessas normas tão exclusoras e, por vezes, assassinas. O sujeito trans, dessa forma, estaria apenas tentando se filiar ao discurso dominante, que impõe determinadas características para um e outro gênero, de acordo com esse ou aquele genital.

SUJEITO TRANS – CORPOS QUE RESISTEM

Haveria apenas uma forma de vivência da transgeneridade? Seria possível se definir como “trans” e não modificar nada no corpo? Não fazer cirurgia alguma? Não efetivar modificações? Os sentidos possíveis para o sujeito trans seriam infinitos. Isso porque, apesar de uma tentativa médica de produzir um “transexual de verdade”, os

discursos mobilizados, principalmente nos espaços de militância, apresentam, sim, possibilidades diversas para a vivência trans.

Em se tratando de identidade de gênero, é possível, sim, que a pessoa troque de identidade quantas vezes quiser ao longo da vida. É como o ator, que vive inúmeras personagens, sem deixar de ser ele mesmo. Identidade de gênero não é um dado inflexível e imutável, mas um dado absolutamente fluido (Lanz, 2015, p. 223).

Diante disso, as vivências tanto de identidade de gênero quanto de sexualidades (orientação, por exemplo) seriam fluidas, dinâmicas, nada fixas. Para essa FD, a vivência trans é uma resistência, uma transgressão à norma binária de gênero; ela coloca o sujeito trans no centro de seu mundo, retirando-o da margem a que foi relegado. Esse discurso baseia-se nos estudos da teoria *queer*, que possibilita a inversão do olhar negativo, transformando-o em positivo. Uma ofensa, nesse caso, “viado”, por exemplo, foi ressignificada para se tornar uma definição, uma nomenclatura, uma nomeação de orgulho dentro dessa FD. Não seriam mais, as pessoas trans, criminosas, pecadoras, pervertidas, doentes, anormais, erradas, nascidas em “corpos errados”, mas sim haveria a necessidade de desconstruir os discursos efetivados por essa norma, por esse dispositivo. Diante disso, não seriam os corpos os errados, tampouco as performances desse ou daquele gênero, porém, seria errada a imposição de uma norma tão excludente quanto o Dispositivo Binário de Gênero.

Politização é a capacidade de o sujeito sair do concreto vivido para uma abstração onde percebe que sua condição de excluído não está em uma característica individual, mas nas articulações de poder que o produzem como ser anormal. Ele passa a perceber que enquanto as normas de gênero não forem questionadas, os discursos hegemônicos localizados nas instituições continuarão seu trabalho de produção de seres abjetos (Bento, 2008, p. 78).

A transgressão, nesse caso, seria uma resistência, uma força contrária a toda essa imposição imperceptível do funcionamento ideológico.

As experiências que constituem a travestilidade têm na transformação do corpo e do gênero um fator que desestabiliza a ordem binária dos sexos. O fato de estarem subvertendo uma ordem tida como natural e, por isso, tomada como “normal”, tende a tornar suas vidas inabitáveis. Assim, é pela força da exclusão que elas têm se constituído (Silva, 2007, p. 34).

Esse sujeito trans, que desafia a norma, pode sofrer mais do que aquele que tenta se adequar a ela; relembramos o conceito de “passabilidade”, aqui, pois, ao adequar seu corpo “errado” às normas impostas para cada gênero, o sujeito trans tenta “passar” por mulher/homem, nos moldes impostos. Quanto mais “passabilidade”, menos exclusão, sofrimento, preconceito, desrespeito. Quanto menos “passabilidade”, mais sofrimento, exclusão, desrespeito e preconceito. A “passabilidade”, inclusive, seria considerada como uma forma de proteção, para muitas pessoas trans (Lanz, 2015).¹

Junior (2008), em sua tese de doutorado, fez toda uma retrospectiva, minuciosa, para demonstrar a visão a respeito do sujeito trans na história e os sentidos que estão colados a ele, os discursos que são mobilizados. O autor inicia usando o termo hermafrodita, para, mais além, considerar os sujeitos transgêneros. O que não pode deixar de ser considerado é que, assim como os outros autores que, aqui, utilizamos, Junior (2008) chama a atenção para o fato de que a categoria “hermafrodita/transsexual/transgênero” foi construída como pessoa “pecadora/doente/errada”, ou seja, a mera transgressão à norma de gênero colocou essas pessoas num lugar em que os discursos as diminuem, são pejorativos e excludentes.

O antigo monstro síntese da punição contra os desvios sexuais
 (troca de gênero e seus papéis culturais, incesto, blasfêmia,

¹ Passabilidade - Para Lanz (2015), com quem nos identificamos em termos de teoria: “Tão essencial quanto polêmico dentro dos Estudos Transgêneros, o tema da passabilidade focaliza o quanto uma pessoa transgênera consegue expressar os estereótipos da categoria de gênero que deseja expressar ao mundo. Ou seja, o quanto a pessoa se parece ou não com o que a sociedade diz que um homem, uma mulher ou outra identidade qualquer tem que ser. Trata-se de uma equação simples em que passar é igual a ser reconhecida e aceita pela sociedade. Quanto mais passável, mais habilitada ao convívio “normal” no mundo cisgênero-heteronormativo e menos chance de ser estigmatizada e violentada como transgressora de gênero. Passar teria, assim, também uma função protetora, na medida em que pessoas transgêneras que não passam convincentemente ficam teoricamente muito mais expostas à violência real e simbólica por parte da população cisgênera” (Lanz, 2015, p. 285).

interação erótica entre pessoas do mesmo sexo, classe social ou “natureza” – como animais ou demônios), sofre uma dessacralização pela moderna medicina e passa a representar o novo paradigma da completa diferenciação dos corpos e gêneros masculino e feminino. O hermafrodita é um ser intermediário, a incômoda ambiguidade sexual que clama por resolução para se conseguir romper definitivamente com (sic) o antigo conceito de apenas um corpo com dois gêneros e o possível *continuum* entre eles (Junior, 2008, p. 60).

O autor apresenta como, pelo discurso médico, religioso, científico, a visão da pessoa “hermafrodita” foi construída sob um véu de mistério, magia e, conseqüentemente, medo. Por isso, justifica-se a recorrência de nomear tais pessoas como “monstros”. Infelizmente, na atualidade, como prova Vieira Junior (2018), os sujeitos trans ainda são intitulados como abjetos, monstros, aberrações. Esse não lugar continua sendo relegado às pessoas trans, portanto, muitas deixam de se filiar à FD do Dispositivo Binário de Gênero e buscam maior aceitação, resistência na militância pela causa, o que as coloca contrárias a essa norma, em outra FD.

Consideremos a Sequência Discursiva Imagética 5, a fim de que possamos observar os efeitos de sentido produzidos sobre a necessidade de se definir:

Figura 5 - Sequência Discursiva Imagética 5



Na SDI5, discute-se a necessidade de não se enquadrar; considera-se a possibilidade de uma expressão de gênero e sexualidade mais fluidas. Muriel não quer

ser isso ou aquilo; ela quer ter a possibilidade de descobrir, variar, fluir, contrariar, transgredir, ultrapassar as normas. A definição, nesse caso, engessaria a vivência, pois, se me defino como “isso ou aquilo”, preciso experienciar apenas aquilo que é “permitido”. Assim: “Transgênero não é uma categoria identitária de gênero, mas a condição sociopolítica-cultural do indivíduo que transgride o dispositivo binário de gênero, ou seja, que se desvia das normas oficiais de conduta de gênero, - homem/mulher ou masculino/feminino” (Lanz, 2015, p. 70). As definições, nesse caso, engessam porque, ao enunciar algo, deixamos de afirmar outras coisas. Muriel parece querer estar além das definições, como uma transgressora de toda essa norma.

Pensemos na Sequência Discursiva Imagética 6 para observar os efeitos de sentido produzidos em relação à expressão “verdadeira mulher”:

Figura 6 - Sequência Discursiva Imagética 6



Na SDI6, Muriel é interpelada por uma personagem que diz: **“Desista, querida! Você não é uma verdadeira mulher!”** A discussão sobre ser ou não ser uma verdadeira mulher volta à tona, mas Muriel faz movimentos com a mão e diz: “Faça comigo”. A personagem fica tentando imitar os movimentos, mas não consegue e diz: “Não consigo!” ao que Muriel responde: “Tudo bem, querida... **você não é uma verdadeira Muriel!**”. Aqui, temos a inversão de um discurso ofensivo, que é, constantemente, reiterado, para mobilizar uma memória sobre o sujeito trans, na qual ele não seria “verdadeiro” homem/mulher. Muriel inverte os papéis, afirmando que a personagem não consegue ser

uma “verdadeira Muriel”, colocando-se em vantagem diante da ofensa que a outra tentou lhe direcionar.

São múltiplas as violências cometidas contra as pessoas transexuais. A patologização da experiência talvez seja a mais cruel, pois irradia a convicção de que são pessoas inferiores. Cruzar os limites dos gêneros é colocar-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve se pensar em regras, leis, interdições e punições (Bento, 2006, p. 163).

A tentativa de abjetar os sujeitos trans é uma realidade. Essa visão surge da transgressão efetivada por esses sujeitos. Por que se vestir assim? Por que querer respeito? Sair do gueto e desejar um trabalho? Por que querer um nome? Você já não tem um? Contentar-se com o que lhe foi imposto seria mais fácil, entretanto, tais sujeitos resistem, por meio de suas performances de gênero, em suas práticas diárias, em seus atos mínimos do dia a dia. Orlandi (2017, p. 93) afirma:

O corpo do sujeito é, nas condições sócio-históricas em que vivemos, parte do corpo social tal como ele está significado na história. isto quer dizer, entre outras coisas, que o sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há a incompletude, a falha, o possível. e os sentidos, como tenho repetido, sempre podem ser outros.

A autora ressalta, ademais, que os corpos dos sujeitos não falam, eles significam (Orlandi, 2017). Diante disso, mesmo sem efetivar modificações em seus corpos, esses sujeitos estariam resistindo, pois transgridem a norma de gênero, não se identificando mais com aquela FD que os coloca como errados, doentes, anormais. Não se vinculam, dessa forma, à Memória Discursiva que é mobilizada quando se fala deles; aquela FD não os representa, pois se percebem como transcendentais a esse dispositivo normativo e exclutor. Ao não efetivar mudanças de ordem cirúrgica ou hormonal em seus corpos, resistem, pois estão negando que o corpo é que define o gênero.

Bento e Pelúcio (2012, p. 577) afirmam:

O silêncio diante de uma produção e reprodução de uma cidadania precária e deficitária, intencionalmente implementada pelo Estado, nos retira da posição de vítimas para a de cúmplices. Concordar que o gênero continue sendo diagnosticado, em vez de questionado, é permitir que os seres construídos como abjetos devam continuar habitando as margens do Estado.

Ou seja, ao concordar com as modificações corporais, para se enquadrar em um gênero definido pela medicina, baseada no genital, estaríamos relegando as pessoas que não se identificam com essas definições a esse lugar de abjeção, ofensa, doença, pecado, crime.

a memória que se estabiliza sobre qualquer manifestação que não seja a heterossexual, isto é, a sexualidade hegemônica, se relaciona, imediatamente, à doença, ao desvio, ao erro, à falta de vergonha, à escolha, ao pecado. Resistir a essas associações é da ordem de uma luta sem intervalo, porque a todo e qualquer instante é necessário (com)provar que, apesar de ser homossexual, pode-se ser, também, bom aluno, bom filho, honesto, não ser pervertido, não ser pedófilo, não ser um doente; essas afirmações compõem nos discursos sobre a homossexualidade, seja na forma de negação, seja na produção de sentido estabilizado. Essa é a memória que nunca esquece, essa é a memória sobre a qual é preciso resistir constantemente: realizar a dissociação de tudo aquilo que nos parece sempre-lá (Soares, 2015, p. 22).

Diante disso, ao negar essa Memória e esse lugar (ou não lugar), o sujeito trans, nessa FD, estaria resistindo a um discurso hegemônico, que mobiliza uma memória dominante sobre ele. Soares (2015, p. 34-35) ainda afirma que tal Memória, sobre a qual não se resiste se (re)instala “nos discursos religiosos-pentecostais atravessados por aqueles sentidos médicos e legais dos séculos passados. Essa FD religiosa guarda um resíduo de outras FDs sobre a homossexualidade e faz reverberar, ainda que ressignificados, velhos dizeres sobre o sexo e a sexualidade não hegemônica”. Tais

discursos colocam o sujeito homo/trans à margem da sociedade, de maneira que a ele só resta resistir, com seu corpo, sua vida, sua performatividade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é parte do estudo efetivado para a construção do texto de tese, do doutorado em Letras. Consideramos importante apresentar tal temática, tendo em vista que, na atualidade, têm sido muito recorrentes as discussões em torno de tal assunto. Assim, buscamos efetivar a percepção de efeitos de sentidos mobilizados em relação ao sujeito trans, no que diz respeito à sua constituição e ao que se diz sobre esse sujeito.

Para tanto, baseamo-nos na Análise de Discurso de orientação francesa, cujo precursor foi Michel Pêcheux, na França, bem como Eni Orlandi, no Brasil. Usamos as tiras da série Muriel Total, da cartunista trans, Laerte Coutinho, com o objetivo de perceber os efeitos de sentidos mobilizados em relação ao sujeito trans, nessas tiras.

Pudemos perceber que há uma contradição na constituição desse sujeito, no sentido de que, ao tentar fazer modificações corporais, para se enquadrar ao Dispositivo Binário de Gênero, a pessoa trans não estaria transgredindo a norma, nem sendo resistente a tal discursivização sobre si. Em contrapartida, há os sujeitos que não efetivam modificações corporais de qualquer ordem, de maneira que buscam resistir a esse aparato ideológico que lhes é imposto por tal FD, visto que, com ela, não se identificam.

Portanto, o artigo apresenta os efeitos de sentidos mobilizados que reforçam essa contradição, na constituição do sujeito trans, tendo como base os pressupostos teóricos e metodológicos da AD francesa.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é a transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, mai./ago., 2012.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the Discursive Limits of Sex**. Tayllor & Francis e-Library, 2011.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTRO, Aline Fabiana de. **Travestir e Resistir: lutas, microlutas e resistência nas tirinhas da Muriel**. Orientador: Carla Reis Longhi. 2017. 179p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, Universidade Paulista, São Paulo, 2017.

COUTINHO, Laerte. **Hugo para principiantes**. São Paulo: Editora Devir, 2005.

FOUCAULT, Michel.. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

JUNIOR, Jorge Leite. **Nossos corpos também mudam**. Sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. 2008. 230f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LAGAZZI, Suzi. Pelas mãos de Carne: a luta do corpo na arte de viver. **Raled – Revista Latinoamericana de estudos do discurso**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 136-148, s/m., 2020.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**. Curitiba, Editora Transgente, 2015.

MARIANI, Bethania. Nome próprio e constituição do sujeito. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, p.131-141, jan./jun. 2014.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 – 1989). 1996. 256f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARIANI, Bethania. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Líng. e Instrum. Linguíst.**, Campinas, SP, n. 44, p. 270-289, jul./dez. 2019.

MOIRA, Amara *et al.* **Vidas Trans**. Bauru: Astral Cultural, 2017.

OLIVEIRA, Francine Natasha Alves de. **Queer em quadrinhos**: representações brasileiras contemporâneas. Orientador: Adelaine Laguardia Nogueira. 2014. 136p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncio, Sujeito, História: significando nas margens. *In: As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p.61-92.

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. *In: ACHARD, Pierre et al. O papel da memória*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p.55-65

ORLANDI, Eni. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências sujeito/histórica e indivíduo/sociedade. *In: INDURSKY, Freda et al. Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, Mercado de Letras, 2011. p.37-53

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu, ele** – Discurso e o real da história. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Análise do discurso**. Campinas: Fontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio.

Campinhas, Editora Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **O papel da memória**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 45-53

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. A construção de identidade sexual: travesti, a invenção do feminino. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, s/v., n.2, p. 5-14, mai., 2012.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício. **Revista da Anpoll**, Brasília, v. 1, n. 32, p. 1-208, Jan./Jul., 2012.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari *et al.* Como resistir à memória que nunca esquece? – dos médicos higienistas à AIDS, da doença como merecimento ao discurso da bancada evangélica. *In*: FERRARI, Alexandre *et al.* **Discurso, resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015. p.21-36

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai. **“Quantas curtidas merece essa trans?”**: a recepção da transexualidade nas mídias digitais. 2018. 280f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista/UNESP, Universidade Paulista, Marília, 2018.

Data de recebimento: 08/06/2022

Data de aprovação: 10/07/2023